



Por Mauro Ferreira

Jornalista carioca que escreve sobre música desde 1987, com passagens em 'O Globo' e 'Bizz'. Faz um guia para todas as tribos

Vitalidade do musical de teatro sobre a banda Paralamas do Sucesso reside na direção, no elenco e na trilha sonora

Mesmo com dramaturgia sem conflito, espetáculo flui bem e destaca o ator Rodrigo Salva na pele de Herbert Vianna, o vocalista e guitarrista do grupo.

08/11/2024 10h47 · Atualizado há um ano









Franco Kuster (à esquerda), Rodrigo Salva (ao centro) e Gabriel Manita vivem João Barone, Herbert Vianna e Bi Ribeiro, respectivamente — Foto: André Wanderley / Divulgação

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



🎵 OPINIÃO SOBRE MUSICAL DE TEATRO

Título: ***Vital – O musical dos Paralamas***

Texto: **Patrícia Andrade**

Direção: **Pedro Brício**

Direção musical e arranjos: **Daniel Rocha**

Data e local: 3 de novembro de 2024 no Teatro Claro Mais (Rio de Janeiro, RJ)

Cotação: ★ ★ ★ 1/2

🎵 Como inexisteu um grande conflito ao longo dos 42 anos de vida da banda carioca **Paralamas do Sucesso**, é surpreendente que o musical sobre o trio resulte tão fluente e sedutor. O viço de **Vital – O musical dos Paralamas** reside na direção de Pedro Brício, no elenco homogêneo e no repertório do grupo.

Na ausência de material que renda boa dramaturgia e sem poder inventar (muito) em história baseada em fatos reais de conhecimento público, a autora Patrícia Andrade recorreu ao acidente que deixou paraplégico o vocalista e guitarrista dos Paralamas, Herbert Vianna, para ser o ponto de partida e o fio condutor do texto. A ação parte de fevereiro de 2001, mês do acidente, para contar a história da banda em vaivém no tempo dramatúrgico.

A dramaturga se vale algumas vezes do recurso da narração para contextualizar no tempo a saga sem drama de um trio que ganhou projeção em 1983 e, desde então, permaneceu unido e em harmonia, sobretudo quando a vida de Herbert Vianna esteve por um fio na cama de hospital.

Sagaz, o diretor Pedro Brício orchestra a cena com tamanha vitalidade que o espectador se deixa levar ao longo das duas horas e meia do espetáculo em cartaz de sexta-feira a domingo no Teatro Claro Mais, no Rio de Janeiro (RJ), em temporada que se estende até 24 de novembro (já estão previstas temporadas em Brasília e São Paulo em 2025).

A favor do diretor Pedro Brício, conta um elenco afiado e afinado em que sobressai Rodrigo Salva na pele e na alma de Herbert Vianna. Ator, cantor e guitarrista, Salva tem timbre vocal idêntico ao de Herbert, o que contribui para a perfeita composição do personagem. Parece que é Herbert quem está no palco, e não Salva.

Na pele do baterista João Barone, Franco Kuster conquista o público já no início do espetáculo na cena em que simula solo de bateria com o movimento preciso das mãos. Kuster evoca a figura de Barone.

Dos intérpretes do trio, o ator Gabriel Manita é que o imprime menos a fisionomia e o ar do baixista Bi Ribeiro. Contudo, Manita se harmoniza em cena com Salva e Kuster, em interação fundamental para musical que, no fim das contas, celebra a amizade e a união entre os três músicos, com a adesão fundamental do *quarto Paralama*, o empresário José Fortes, personagem confiado a Hamilton Dias.

A harmonia se estende ao elenco recrutado para dar vida aos personagens coadjuvantes. Esse time inclui Pedro Balu (com bom tom cômico no papel de Vital, o que se *sentia total* com a moto, *sonho de metal* daquele que foi o baterista amador dos Paralamas nos primórdios estudantis do grupo), Maria Vitória Rodrigues – atriz que interpreta a *filmmaker* Alice, personagem fictícia, criada para suprir a ausência no texto de qualquer referência a Paula Toller, o real grande amor de Herbert Vianna na fase inicial dos Paralamas – e Ivanna Domenyco, atriz e cantora de *vibe* roqueira, voz potente e longa experiência em musicais de teatro.

Ao elenco e à direção, soma-se um repertório de músicas aliantes, compostas por Herbert Vianna (quase sempre sozinho) arranjadas sem invenção de moda pelo diretor musical Daniel Rocha. Quando o trio encena a consagrada apresentação no primeiro festival **Rock in Rio** de 1985, cantando **Meu erro** (1984) e **Óculos** (1984), o musical adquire a energia de show de rock e o público vem junto.

Presente no segundo ato, de estatura menor, **Lanterna dos afogados** (1989) é número coletivo que exemplifica o depressivo estado emocional dos músicos e dos amigos dos Paralamas após o acidente de Herbert Vianna, que voltou à cena em junho de 2002 com participação no show do cantor argentino Fito Paez na extinta casa carioca Canecão.

O número de Herbert no show de Fito, **Track track** (1991), é recriado no musical, cujo texto omite o desprezo amargado pelos Paralamas no Brasil no início dos anos 1990. A volta por cima aconteceu com o álbum ao vivo **Vamo batê lata** (1995).

A propósito, os cantos coletivos de **Selvagem** (1986) e **Vamo batê lata** (1995) são números vibrantes que expõem em cena a brasilidade de banda que, a partir de 1986, delineou uma identidade própria, nacional, se distanciando da matriz sonora de grupos então referenciais como o britânico The Police.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



Idealizado por Gustavo Nunes e Marcelo Pires para celebrar as quatro décadas do trio, **Vital – O musical dos Paralamas** cumpre bem o objetivo. O merecido sucesso da temporada carioca sinaliza vida longa para o fluente espetáculo.

PARALAMAS DO SUCESSO



Resumo do dia

De segunda a sábado, as notícias que você não pode perder diretamente no seu e-mail.

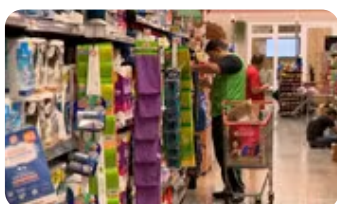
[Inscreva-se e receba a newsletter](#)

Para se inscrever, entre ou crie uma conta Globo gratuita.

Comentários

Seja o primeiro a comentar!

Acesse sua Conta Globo e participe da conversa

[Clique aqui para fazer login](#)

Sugerida para você

Fim da escala 6x1: 40 horas semanais, dois dias de folga, transição de até 14 meses; veja detalhes do parecer do relator